



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Natasha Maria Quintela Silveira

DRE: 115025024

Artes Cênicas - Cenografia

Departamento de Artes Utilitárias-BAU

Escolas de Belas Artes-EBA

Cairú

Orientado por Antônio Guedes

05/12/2018

Resumo do projeto:

Iniciando com uma conversa familiar sobre o ballet *O Quebra Nozes*, analisando a universalidade do enredo e as possíveis reinterpretações da obra, começou-se a construir um enredo e cenografia cheios da mais pura brasilidade. Quanto mais se abstraía no tema, mais a história tornava-se autoral, entusiasmando à todos devido ao enorme potencial para a criação de uma obra que pudesse ser concebida como um “conto de fadas” genuinamente brasileiro.

Considerando as origens dos participantes da conversa, os aspectos da cultura da Região Norte e Nordeste do Brasil, tornaram-se a própria história, até o momento em que “*O Quebra Nozes*” já não tinha mais qualquer relação com “*Cairú*”.

Uma palavra que vem do Tupi, *cairú* significa: *árvore de folhas escuras*; daí a escolha de um cajueiro como o ícone do enredo.

A escolha do cajueiro tem o propósito de representar a árvore da vida. Trata-se de uma árvore fértil, produtiva, resistente e familiar. A própria estrutura da árvore tem esse caráter, com seu tronco largo e galhos longos, faz o tipo de sobra que acolhe e protege; já os frutos, são como os filhos, espalhando-se pelo mundo sem nunca perder as suas origens.

Sendo o Cairú árvore da vida, o ser que carrega o fio da vida e a memória de todas as vidas, esta árvore só pode ser feita de renda. Cada fio se entrelaça à outros fios, ligando uma vida à outra, formando a trama quase imprevisível e pouco compreensível do destino, separando ou unindo pessoas para sempre.

Palavras-chave: Nordeste, Dança, Cairú, Cenografia, Balé.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE BELAS ARTES - EBA
ARTES CÊNICAS - CENOGRAFIA

PROJETO DE GRADUAÇÃO CENOGRAFIA
CAIRÚ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito
indispensável para a graduação.

ALUNA: Natasha Maria Quintela Silveira.
Matrícula nº 115025024.

ORIENTADOR: Antônio Guedes.

RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE BELAS ARTES - EBA
ARTES CÊNICAS - CENOGRAFIA

NATASHA MARIA QUINTELA SILVEIRA.

PROJETO DE GRADUAÇÃO CENOGRAFIA
CAIRÚ

Projeto apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Projeto de Graduação Cenografia da Escola de belas Artes-EBA da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ.

Nota: () _____

Professor: _____

Antônio Guedes – Orientador.

Professor: _____

Professor: _____

Professor: _____

RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO, 2018.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família que sempre me apoiou e em especial, meu pai, Fotógrafo Hugu Silveira dos Santos, à minha mãe, Profa. Maria do Socorro Quintela Silveira e à Rodrigo Figueiredo Sales como uma pequena demonstração da minha imensa gratidão por todo amor, carinho e apoio dessas pessoas.

AGRADECIMENTOS

Entrego meus agradecimentos às leais amizades que constitui durante toda a trajetória acadêmica, principalmente aos bons mestres da Escola de Belas Artes - EBA, em especial ao professor Antônio Guedes, verdadeiro exemplo de seriedade e compromisso pedagógico.

SILVEIRA, Natasha Maria Quintela. *Cenário da obra original Cairú*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Cênicas – Cenografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Rio de Janeiro, 2018.

INTRODUÇÃO

Tudo começou com uma conversa familiar sobre o ballet *O Quebra Nozes*. Analisando a atemporalidade, a universalidade do enredo e as possíveis reinterpretações da obra, começou-se a construir um enredo e cenografia cheios da mais pura brasilidade. Aos poucos, quanto mais se abstraía no tema, mais a história tornava-se autoral, entusiasmando a todos os interlocutores devido ao enorme potencial para a criação de uma obra que pudesse ser concebida como um “conto de fadas” genuinamente brasileiro.

Considerando as origens de todos os participantes da conversa, a história foi fundindo se com a mais genuína brasilidade. Pouco a pouco aspectos da cultura da Região Norte e Nordeste do Brasil, tornaram-se a própria história, até o momento em que “*O Quebra Nozes*” já não tinha mais qualquer relação com “*Cairú*”.

Uma palavra que vem do Tupi, *cairú* significa: *árvore de folhas escuras*; daí a escolha de um cajueiro como o ícone do enredo.

Não obstante, a escolha do cajueiro tem o propósito de representar a árvore da vida, com todos os significados objetivos e subjetivos que a própria planta em si. Trata-se de uma árvore fértil, muito produtiva, resistente e familiar, visto que não há uma só pessoa no Nordeste que não tenha uma história que envolva um cajueiro. A própria estrutura da árvore tem esse caráter. Com seu tronco largo e galhos longos, faz o tipo de sombra que acolhe e protege a todos; já os frutos, são como os filhos, espalhando-se pelo mundo sem nunca perder as suas origens.

Sendo o Cairú a mística árvore da vida, o ser que carrega o fio da vida e a memória de todas as vidas, esta árvore só pode ser feita renda. Cada fio se entrelaça à outros fios, ligando uma vida à outra, formando a trama quase imprevisível e pouco compreensível do destino, separando ou unindo pessoas para sempre.

Palavras-chave: Nordeste; Dança; Cairú; Cenografia; Balé.

CAIRÚ

PRÓLOGO

Em uma pequena cidade de interior chamada Cairú, no meio do semiárido brasileiro, bem na época da chuva do caju, um garoto chamado Pedro, de 15 anos se abstrai jogando bola no quintal de sua casa. Uma casa típica por sinal.

Sua mãe entra em cena e leva consigo um cesto de roupas limpas. Ela lhe pede que tenha cuidado com o poço, diz que o sol está quente e que já é hora de entrar em casa, porém Pedro não lhe dá ouvidos e continua brincando em seu mundo ideal, até que sua mãe retorna a seus afazeres, recolhe a última peça de roupa e entra em casa.

Parece “praga de mãe”, como dizem os filhos ou “sexto sentido”, como de toda mãe.

O velho poço que há muito não era mais usado, coberto com madeiras velhas que o cobriam, misteriosamente atraía a atenção de Pedro, sem que ele percebesse.

Em meio à fantasia de lances e dribles diante de uma plateia imaginária, Pedro chuta a bola com força, “realizando um gol espetacular”. Em seguida Pedro corre pelo quintal, exibindo-se para os expectadores de seu estádio fictício, quando o ápice de sua imaginação o leva a subir no poço, como se este fosse um púlpito.

De repente: um barulho de madeiras velhas quebrando, tudo fica escuro e logo em seguida ouve-se o angustiante barulho de um corpo atingindo o chão. É o fundo do poço!

Inicialmente só é possível ver um leve foco de luz surgindo e aos poucos, começa a se abrir, diante de um silêncio absoluto.

Um mistério até então desconhecido era o de que aquele poço possuía uma magia capaz de “salvar” a sua vítima.

O foco de luz vai ganhando força, o som do encanto surge de forma crescente, até que Pedro acorda atordoado. Há algo estranho ao seu redor, como se estivesse sendo observado (som de chocalho de uma serpente ao fundo), e sem entender bem por que razão sente um misto de vertigem e cansaço, mas não sente dor, olha para ao redor e se sente cada vez mais estranho. Olhando atentamente percebe então que há costuras em seus braços e pernas, que isso estende-se por toda parte do seu corpo, deixando-lhe cada vez mais nervoso e agitado.

A agitação faz tudo girar até que Pedro finalmente é tragado pela escuridão total.

1º ATO

É noite de festa em Cairú e a praça na frente da igreja principal está tão iluminada que parece o dia.

Está acontecendo a quermesse da cidade, aos poucos todos vão chegando para a festa, há barracas de comidas e bebidas, mas a barraca de jogos é a mais movimentada, todos estão muito animados, dançando e interagindo entre si.

Na barraca dos jogos está a família de Ana, uma jovem garota que se diverte tentando ganhar um dos prêmios, sem conseguir em nenhuma das tentativas Ana desanima e se afasta da barraca.

O Malandro é o dono da barraca em que Ana estava, um homem que veio da capital para a quermesse, muito bem vestido com paletó branco e chapéu na cabeça chama logo a atenção de todos a sua volta.

Dançando um ritmo de samba, bem descontraído, vai se aproximando da família de Ana, brinca com o pai colocando e tirando um chapéu em sua cabeça e com a mãe lhe dando uma bela flor vermelha, o Malandro brinca com Ana e a tira para dançar, quando tem sua total atenção lhe dá um boneco de pano (boneco representando Pedro em escala reduzida).

Ana fica encantada com o presente que acabara de ganhar, girando e dançando com o boneco acaba não percebendo que seus pais não estão mais ali.

O tempo começa a mudar, os ventos ficam mais fortes, é a chuva que vem chegando (sons de raios e trovões). Correria para todo lado, todos fogem da chuva forte.

Atordoada com a chuva e sem encontrar seus pais, Ana abraça o boneco com toda força e simplesmente corre para se abrigar em baixo de uma grande árvore.

2º ATO

A chuva se vai e os raios de sol ressurgem em meio à calmaria.

Ana está ao chão, desacordada, abraçada a seu boneco de baixo de um enorme cajueiro.

Entram em cena alguns pássaros, curiosos, infantis e um pouco atrapalhados.

Ana acorda com a movimentação dos bichos, senta-se e observa tudo, tentando entender onde ela está, como de fato ela foi parar ali e onde realmente ela está.

A confusão e algazarra das aves dançando acabam atraindo outra criatura. Ouve-se um canto. De repente aves ficam concentradas e apreensivas.

Chegou a Caboré! Uma divindade em forma de coruja que tudo sabe, tudo ouve e tudo vê, aparece tanto de dia como de noite, protege a floresta e mantém o equilíbrio entre o mundo natural e o mundo espiritual.

Tão logo que a Caboré pousa e bate suas fortes asas, as pequenas aves barulhentas voam em debandada.

Ana que inicialmente estava confusa passa a ficar um pouco assustada. A menina fica de pé, abraçada com o Boneco e tentando se proteger próxima ao Cajueiro.

A Caboré olha fixamente para Ana e começa a contorná-la, acelerando seu passo à cada segundo, em uma coreografia intensa como um feitiço até que de repente ela para, abre as asas, solta seu grito e bate duas vezes seu pé direito no chão.

Ana se assusta, sem entender que a Caboré não é um perigo e então, larga o Boneco no chão e corre para próximo ao cajueiro.

Por conta das desventuras em meio ao aparente caos, Ana não era capaz de perceber o destino. Naquele momento a sorte começara a mudar. Ana reaparece, pondo só a cabeça de fora, escondendo-se atrás do tronco da árvore e percebe que algo inusitado ocorre: ao mesmo tempo que a Caboré a chama, o Boneco começa a se remexer, a crescer, ganhando vida até o momento em que volta a respirar.

Sabe o que é uma eternidade como boneco e de repente retomar a vida? Ou o que é passar um longo período sendo uma pessoa viva perdida no paradoxo do mundo dos espíritos e repentinamente retornar ao mundo material? É nascer de novo!

Ana se aproxima do menino. Ela não sabe quem ele é nem sua história, mas fica encantada, mas percebendo nitidamente que ele tem as feições do brinquedo que ganhara do Malandro. É o menino mais lindo que ele já viu!

É Pedro quem voltou ao mundo natural. Ele já havia visto a Caboré voando no horizonte do mundo dos espíritos, mas era a primeira vez que estava em sua presença. Após tanto tempo mais para lá do que para cá, aquele era seu dia de sorte.

Pedro e Ana se olham e se aproximam. É amor à primeira vista. Eles nem sabem ao certo se é real ou é um sonho. Apenas reagem um ao outro.

A Caboré voa para longe do casal e fica só olhando.

Pedro pega Ana pela mão e a convida à uma dança.

Mal eles começam a dançar e logo são interrompidos por um som arrepiante. Ouve-se um forte e presente chocalho de cascavel que passeia por todas as partes.

Todos tensos quando entra em cena a Serpente. Os personagens ficam nervosos. Pedro distancia-se de Ana, protegendo-a e investindo contra a vilã.

A mesma serpente que há tempos arrastou Pedro para o mundo dos espíritos agora mostrava-se determinada a fazer outra vítima inocente: Ana.

A Serpente desvia-se de Pedro e ataca Ana, determinada a lhe capturar e também lançar lhe seu feitiço.

O que a serpente não sabia é que a Caboré ainda estava ali, que seria uma luta de 3 (três) contra 1 (um) e que o destino por mais torto que pareça em um ponto, sempre aponta para o equilíbrio.

Ana, Pedro e Caboré se juntam para lutar e capturar a serpente para arrancar-lhe a pele. Só assim a serpente não poderia mais fazer mal a ninguém.

Toda essa confusão chamou atenção de alguns bichos e de todos que estavam a procura de Ana.

Caboré leva a serpente para longe da vista de todos.

A Família de Ana fica muito feliz ao reencontra-la e verem ela está bem e que nada de ruim lhe acontecera.

Ana apresenta Pedro a todos e lhes conta o que aconteceu.

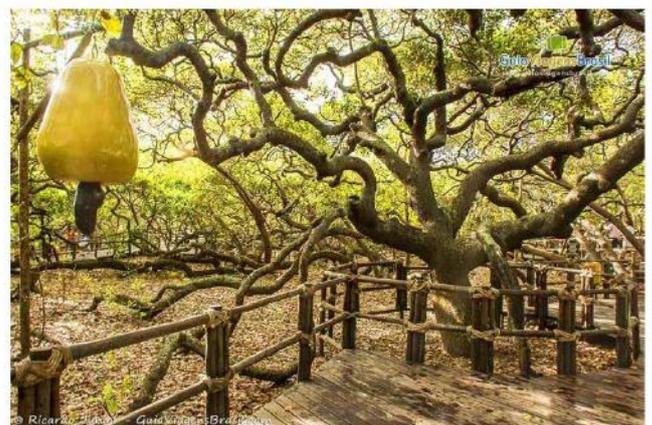
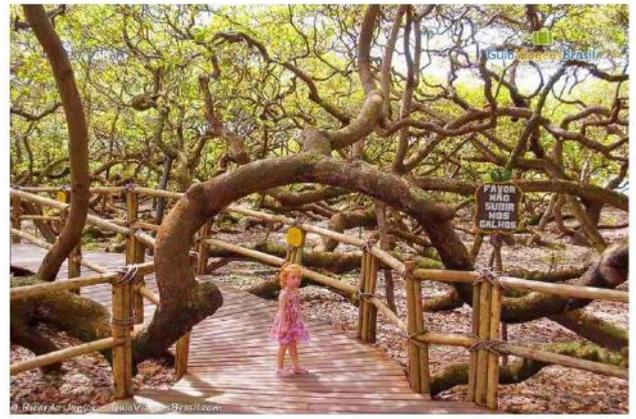
Com tanta felicidade no ar Ana e Pedro se olham e percebem que finalmente podem dançar juntos, felizes e apaixonados.

FIM.

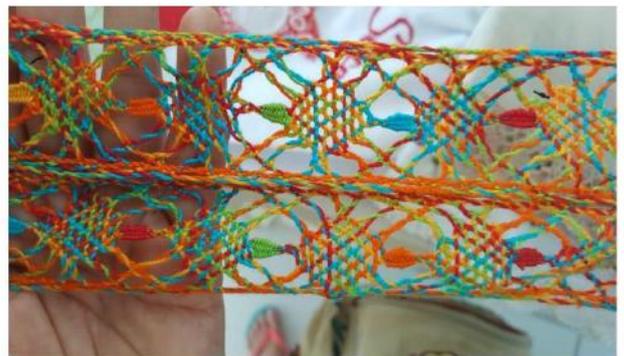
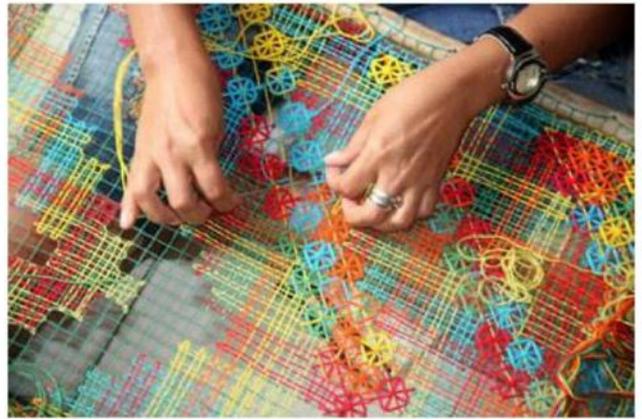
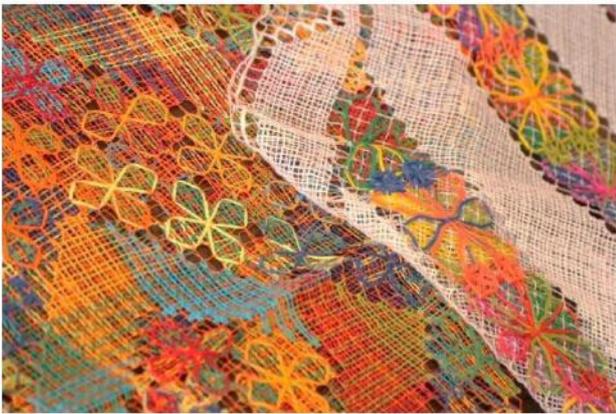
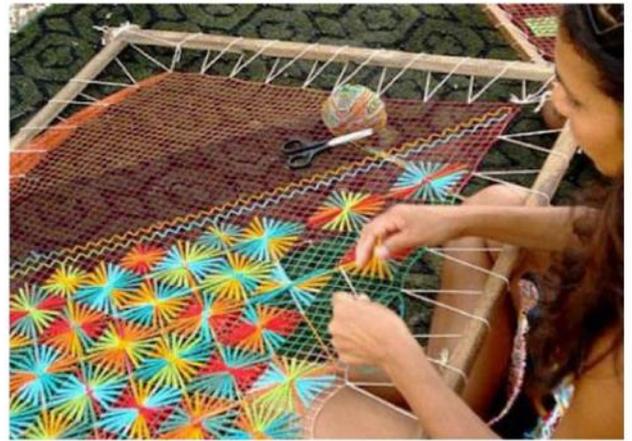
CONSIDERAÇÕES FINAIS

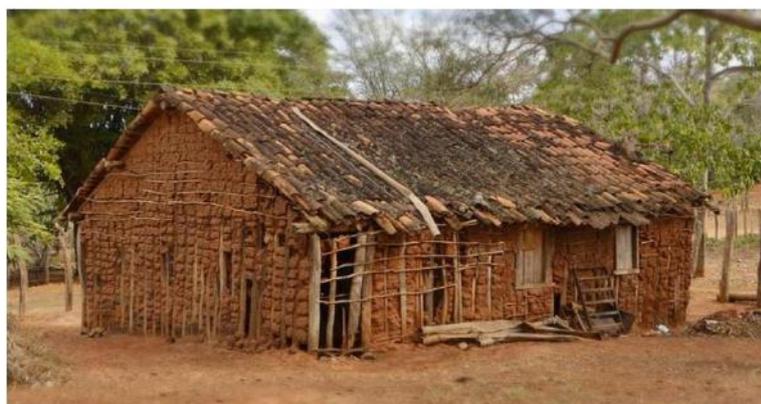
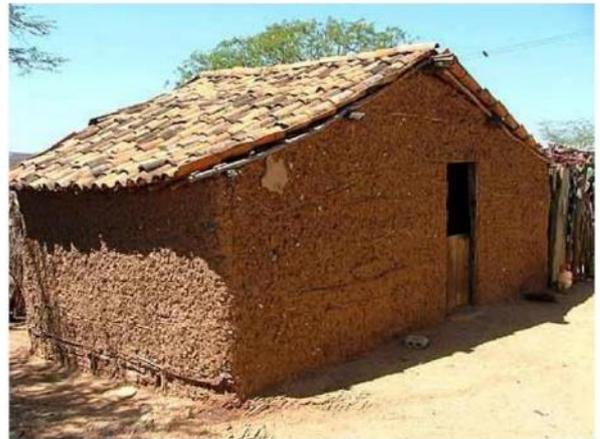
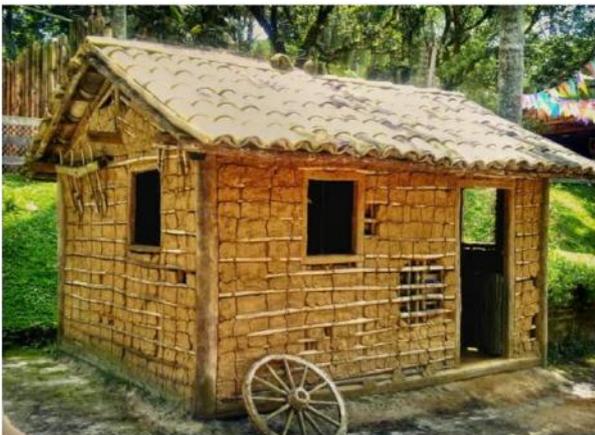
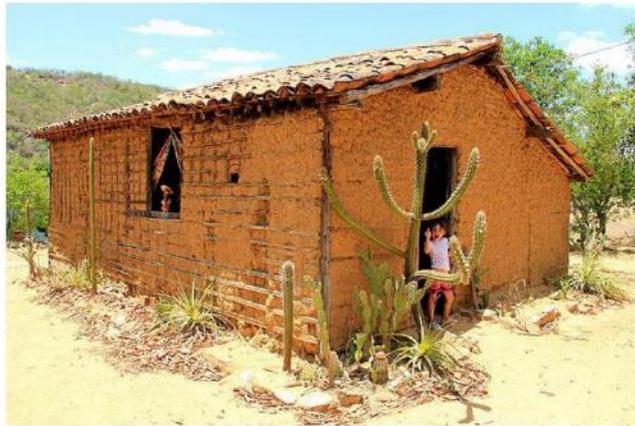
Este trabalho buscou, através da inspiração em obras clássicas, fazer uma releitura da cultura brasileira visando as mesmas pretensões, um dia tornar-se um clássico, sobretudo da cultura nordestina, apresentando ao público um enredo original aplicado à um cenário moderno que, por sua vez, incorpora aspectos sociais do povo nordestino, aspectos da natureza desta parte do Brasil e elementos sobrenaturais do sincretismo regional.

PESQUISA DE IMAGENS





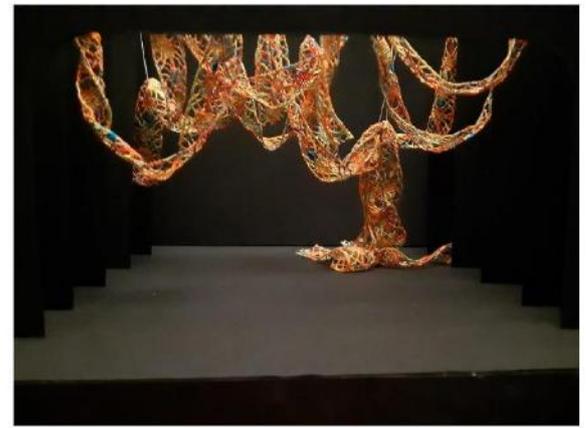
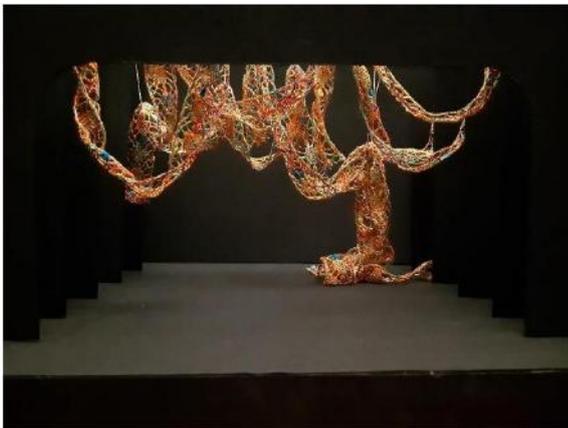
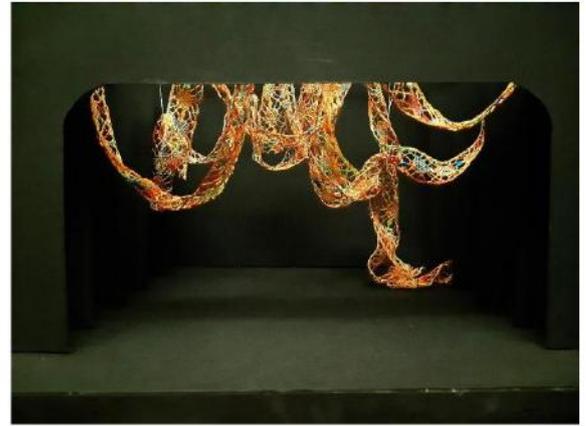
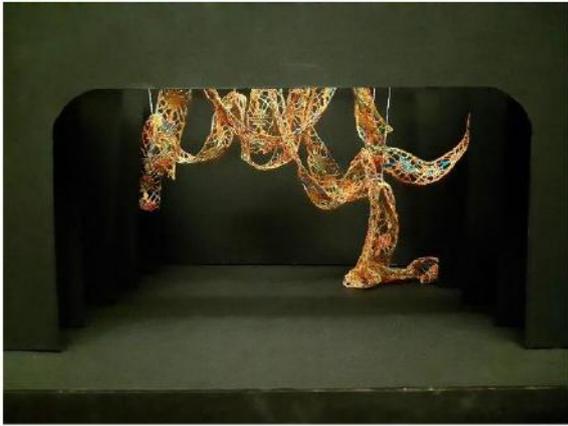
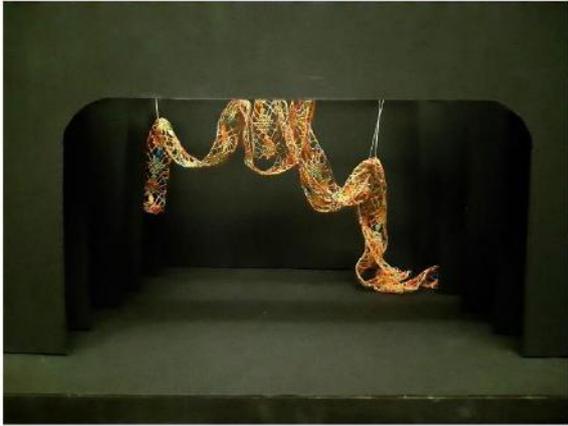




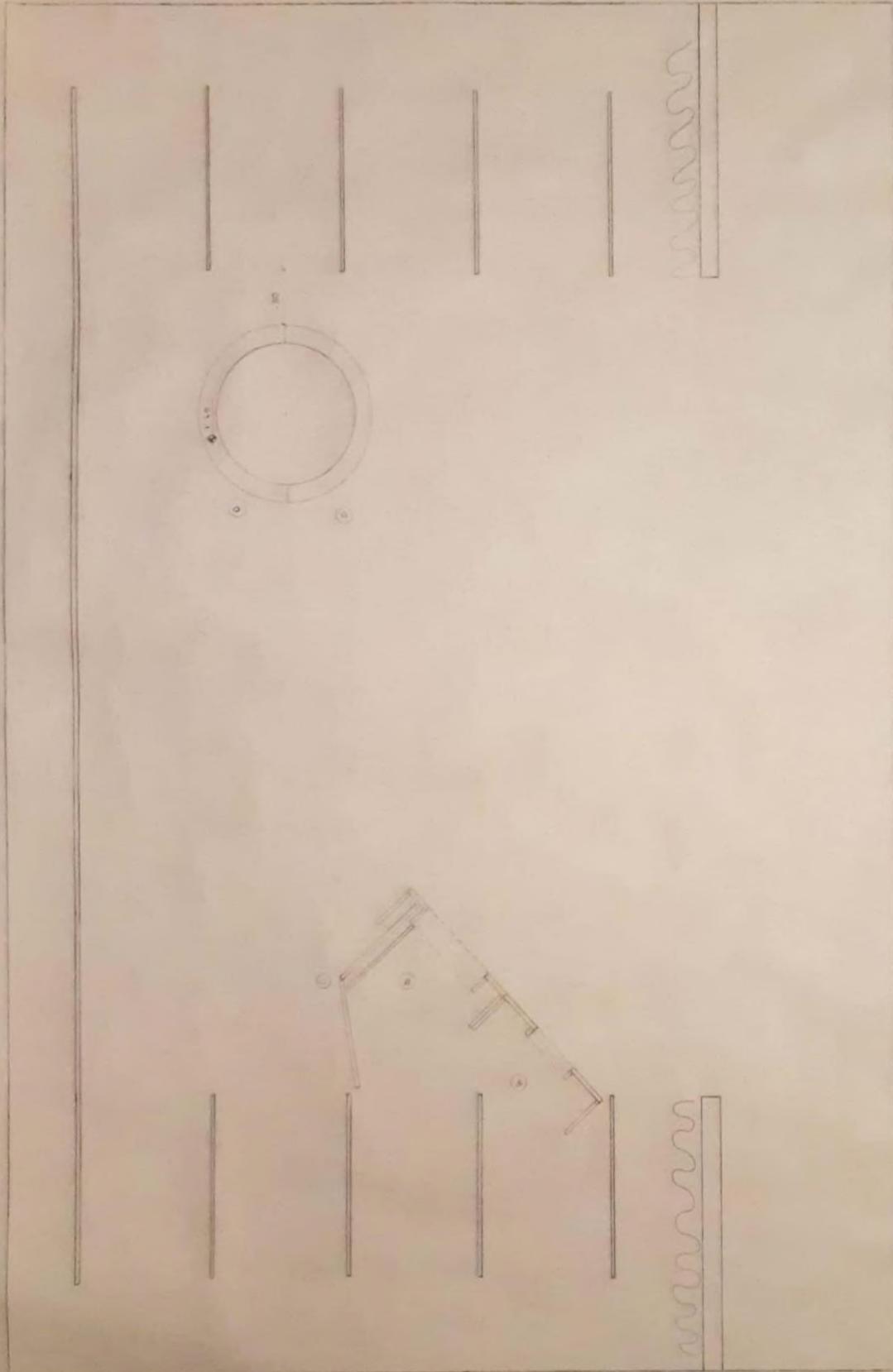


TESTE COM MATERIAL



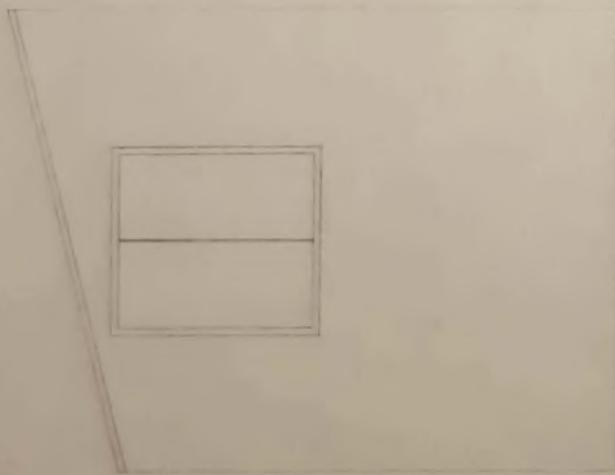


PRACHAS



01 LICES - 808 - ARTES CÉRICAS - TERCER AÑO
MODELO DE PROYECTO DE CURSO - CURSO
DISEÑO MECÁNICO QUINTA SILEVA
PRESENTADO DE AUTÓRHO GUEDES
ELABORÓ: GUEDES ANTONIO GUEDES
FECHA: 1.1.25

A QUANTIDADE 1



0.30
0.50
1.60
1.10

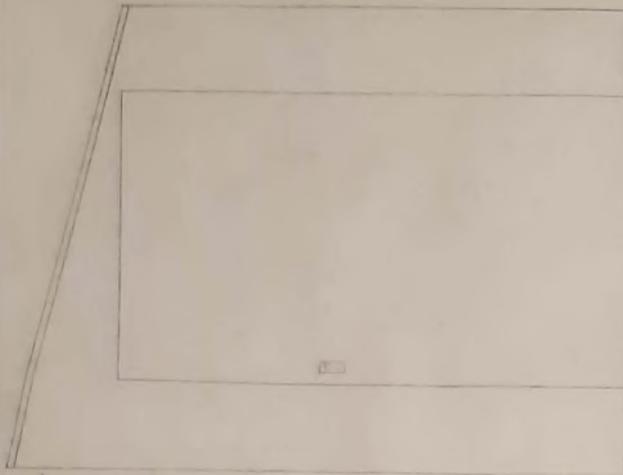
2 VISTA FRONTAL



0.50
1.60
1.10

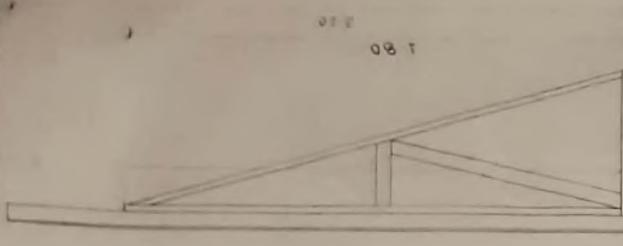
3 VISTA LATERAL

B QUANTIDADE 1



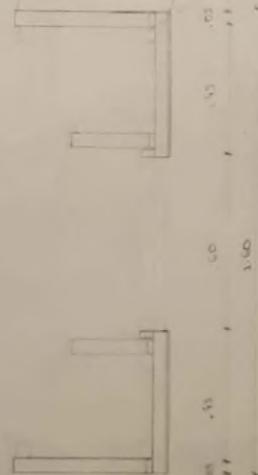
0.30
1.00
1.60

2 VISTA FRONTAL



0.50
1.60
1.00

3 VISTA LATERAL



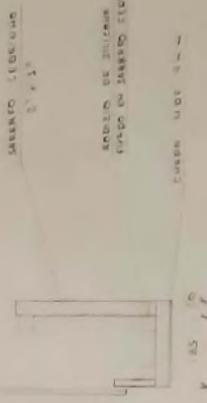
0.50
1.60

1 VISTA SUPERIOR



0.50
1.60

1 VISTA SUPERIOR

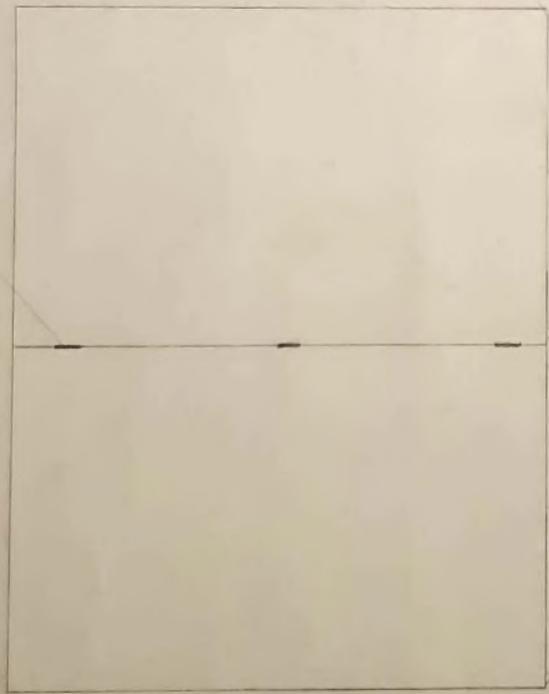


SARRETO CERRADO
12° x 12°
CORRETO DE BILHADE 30x40
CORRETO DE BILHADE 30x40
CORRETO DE BILHADE 30x40

02	UFERS - EGR - ARTES CERCAS - CERRADINHA
	PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO - CIVIL
	UNIVERSIDADE GAIETANA SILVEIRA
	ORIENTAÇÃO DE BILHADE GUEDES
	DETALHAMENTOS

QUANTIDADE : 2

DOBRADIÇA



1.20
2.50

2 VISTA FRONTAL

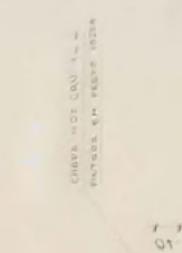


1.20
2.50

3 VISTA LATERAL



1.20
2.50



1.20
2.50

1 VISTA SUPERIOR

03	1995 - 1998 - BATES SENIORS - GEOGRAFIA
	PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO - CENAU
	UNIVERSIA MARIA GUILHERME SILVEIRA
	ORIENTADOR DE BACHARIL QUEBES
	ESTABELECIMENTO
	FECHA
	VALOR

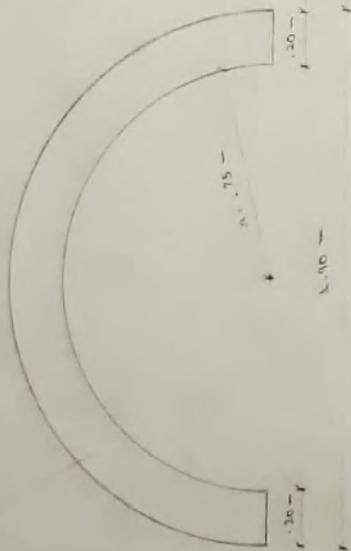
QUANTIDADE . 2

BRANCO DE SUIÇOS 100
LITROS EM SERRAJO CROMADO
2" x 1"

SERRAJO CROMADO
3" x 1"

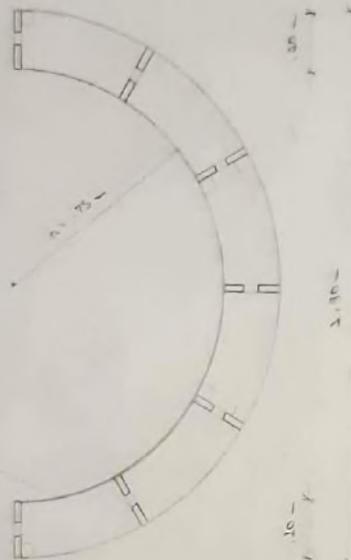
MDF FLEX LAMINADO
8 --

MDF LAMINADO
30 --



1 VISTA SUPERIOR

MDF FLEX LAMINADO
8 --



2 VISTA LATERAL

MDF LAMINADO
20 --

MDF FLEX LAMINADO
8 --



3 VISTA A

MDF FLEX LAMINADO
8 --



4 VISTA B

BRANCO DE SUIÇOS
MDF FLEX LAMINADO
SERRAJO 3" x 1"

04 URS - EMB - MATER CEMEN - SERRAJO
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO - CIVIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE ENGENHARIA DE MATERIAIS
AUTORIA DE ANTONIO GUEDES
LIVRO 1 10 001/2015

MAQUETE

